

## ANATOMIA DA CORAGEM

(Condensado do Scribner's Magazine)

Anônimo

Fiquei um dia a olhar uma pobre aleijadinha que arrastava penosamente rua afora o corpo deformado, e lembro-me bem o que pensei: «Se alguma vez me visse tão tristemente entrevado como aquela, nunca mais teria a coragem de sair de casa. Antes me queria matar do que viver assim...»

E hoje sou um aleijado! Há mais de dois anos que a única maneira que tenho de andar por aí, sem auxílio dos outros, é empurrando as rodas da minha cadeira de paraplégico; e todas as vezes que necessito subir ou descer escadas, entrar ou sair dum automóvel, só o posso fazer ajudado por outrem. Tenho realmente «coragem de sair de casa», pelo menos para o meu trabalho de todos os dias (sou professor numa escola de rapazes); e não me suicidei.

Quando me ponho a examinar objetivamente o meu estado, o meu ânimo para a vida, isto me causa tanta surpresa quanta me provocou a intrepidez daquela moça. No caso dela, chamei com certeza aquilo de coragem, e, já que tantos de meus amigos pensam que sou corajoso, procurei analisar a força que me habilito a manter-se através duma atroz experiência.

Certa manhã acordei com uma inquietante sensação de entorpecimento no pé esquerdo. Durante dois anos a sensação de torpor e formigamento se foi transmitido ao pé direito, e dos pés às pernas; em seguida demonstrou-se nas duas mãos. Muito pior do que viver agora amarrado a uma cadeira de rodas, foi o lento e inexorável progresso da incapacidade física... Era esse esforço desesperado para crer que os médicos me podiam dar alívio, a despeito da surda certeza interior de que ia ficar paralisado para sempre, talvez condenado a viver longos anos na imobilidade. (Tinha apenas 35 anos.). Era a visão aterradora de minha pobre mulher, lutando para sustentar uma família reduzida à miséria, com este trambolho inútil do meu corpo condenado a ficar vivo à custa de todos os confortos e alegrias que a vida lhe devia a ela e a nossos dois filhinhos! O medo que eu tinha não era de morrer — era, precisamente, de viver!

Nem por um instante sequer me senti conscientemente corajoso. O que mais me acercava talvez da coragem era a resolução de não deixar transparecer o terror que se apoderara de mim. Quando às vezes penso nessa época, parece-me que era, sobretudo, uma cólera cega contra o meu destino que me possuía.

Acabei porém por decidir-me. Meu seguro velaria pela família até que meus filhos estivessem em idade de ganhar o sustento. Eu não viveria para esmagar neles e em minha mulher a legítima alegria de viver. Era bem claro o meu dever. Três dias antes de ficar totalmente paralisado, arrastei-me conforme pude até a cozinha, e abri as torneiras do gás para experimentar o cheiro: não era assim tão mau. Fechei-o logo. Teria que escolher uma ocasião em que a família estivesse fora, e quando não fosse

provável que os meninos regressassem sós a casa. Não devia deixar-lhes como herança essa trágica recordação do meu suicídio...

A oportunidade que eu esperava não se apresentou tão cedo, e no dia 1 de fevereiro de 1935 fui levado para um famoso hospital, meu corpo inteiramente paralisado da cintura para baixo, as mãos praticamente inúteis.

Carregaram-me a toda a pressa numa maca para fora de casa, após um adeus bem simples aos meus filhos. Foi só no trem que me separei de minha mulher. Vi as lágrimas brilhando-lhe nos olhos, mas não fizemos cenas — a civilização nos ensinou a não intensificar a angústia de certos instantes, quer dramatizando-os, quer abrindo as comportas atrás das quais aprendemos a dominar os sentimentos. Isso não é coragem — ou será mesmo?

Quem sabe, eu morreria talvez antes de minha mulher ter podido fazer aquela jornada de 300 quilômetros até o hospital. E se assim fosse? Mil anos não bastariam para dizer o que nesse momento experimentamos! Nossos onze anos de perfeita vida matrimonial tinham-nos revelado quanto havia em nossos corações — e não há palavras que pudessem acrescentar fosse o que fosse a uma certeza tão profundamente enraizada. Alguma testemunha da nossa separação podia ter exclamado: «Que coragem a deles.» Por mim, contento-me em dizer: «Não perdemos o domínio de nós próprios.»

Afinal não morri. Ao fim de três meses e meio de hospital, regressei à casa para viver numa cadeira de rodas. Mas antes disso, eu tinha visto uma grande luz: compreendera que minha raiva cega contra o «destino implacável» era uma coisa infantil. Eu era simplesmente, como tantos outros naquele hospital, uma vítima da pouca sorte. E comecei a me treinar em não pensar nem sentir a meu próprio respeito, a praticar uma espécie de entorpecimento mental e sentimental, sempre que de mim se tratasse, e a estender a mão para as vidas, para os interesses e os problemas daqueles que me rodeavam, para a atividade que um intelecto longamente exercitado reclamava. Dirigindo minha atenção para os outros, consegui conservar-me calmo e contente no hospital.

Comecei pouco a pouco a ganhar peso, a usar melhor as mãos, a conservar-me sentado sem tombar para o lado como uma enorme boneca de trapo. Já começava a ansiar pelo regresso à casa, no desejo de salvar o que fosse possível duma existência sempre tão ativa.

De volta ao lar, tive quatro meses para me fortalecer de modo a reingressar na escola. Havia livros ali que esperavam havia muito o seu leitor; havia a luz do sol para me banhar quando sentado na grama do jardim; havia os amigos e a família que me emprestariam seu tempo para a arte suave da conversação. Minha mulher tivera a sorte de encontrar um trabalho de que gostava, no rádio, e pela minha parte eu ia melhorando segura, embora lentamente. Tinha-me exercitado em não ansiar, em não ter esperança, em limitar-me a ficar em expectativa...

Quando a escola reabriu, eu estava em condições de regressar ao trabalho, dando lições na minha cadeira de rodas, e ardendo de alegria, por me ver de novo entre os vivos, fazendo um trabalho que adorava. Não se creia porém que aquele primeiro dia fosse fácil... Durante sete meses e meio, uma das minhas lutas mais duras fora a repressão da autocompaixão,

que eu considerava uma das mais vis emoções humanas. Nessa altura eu receava mais que tudo a piedade bem-intencionada dos adolescentes que me rodeavam. Bem que vi a dolorosa surpresa deles, quando fui empurrado na cadeira para dentro da aula; mas não perdi a compostura. Aproximaram-se para me saudar, e o momento difícil passou. Mergulhamos nas tarefas do ano letivo.

Aqui a história devia terminar. Minha pesquisa sobre a natureza da coragem foi talvez coroada de tanto êxito quanto o podia esperar. Mas o curso dos acontecimentos me reservava ainda outro golpe.

Em dezembro de 1935, após duas semanas de pungente sofrimento, nossa filhinha de dez anos morreu. Seria coragem o que nos amparou e permitiu reconquistar o equilíbrio, após um momento de vertigem em que o tempo pareceu suspenso e a razão se deixou obscurecer? A alegria dela, a sua atraente camaradagem, o amor transbordante com que procurava os meninos da vizinhança para brincar de mamãe, e com que a nós, seus pais, regressava dia e noite — tudo isso ficaria na nossa memória para nos envergonhar de qualquer fraqueza. A irradiação desse amor, tão vivo e cintilante, devia ter vivido para iluminar este mundo embaciado. O que não posso compreender é porque veio, se não foi para ficar conosco! Pode bem ser que o tempo nos reserve compreender algum dia essa nova perda. Não me permito perguntar: limito-me a esperar...

E assim, dia a dia, lá vamos às nossas ocupações; e como temos muito que nos ocupe o espírito, sorrimos, parecemos normais, e as pessoas se surpreendem de achar-nos inalteráveis. Devo confessar que isso também me surpreende. Mas a vida interior do homem é como uma sala de estatuária, com muitos nichos e pedestais desocupados. Muitas vezes lá entramos por nossa própria vontade, em silêncio, mas nunca demoramos demasiado: logo regressamos à vida, à absorvente atividade.

É possível, no fim de contas, que eu nada saiba da natureza da coragem. Sei que se podia encontrar melhor resposta que a minha. Podia-se talvez perguntar a esta mulher que se manteve a meu lado durante esses anos de catástrofe; que soube guardar calma a sua fé; que não pode dizer por que tais coisas acontecem, embora aceitando-as com resignação; cuja firmeza poderá falhar por vezes — nunca porém que eu o ouça ou veja... Talvez ela pudesse, melhor do que eu, dizer o que é coragem. E daí, quem sabe: talvez não!